

# ECHO AMERICANO

PERIÓDICO ILUSTRADO.

*Echo Americano (1871-72)*



*Clarisse Ismério*

# *Echo Americano (1871-72)*

*Educação, cultura e representações artísticas nas páginas de um jornal*

*Clarisse Ismério*

BAGÉ  
EDIURCAMP  
2019

Editora do Centro Universitário da Região da Campanha  
Av. Tupy Silveira, 2099  
CEP 96400-110 - Bagé - RS - Brasil  
Telefone: (53) 3242-8244 - Ramal 231  
e-mail: [ediurcamp@urcamp.edu.br](mailto:ediurcamp@urcamp.edu.br)  
site: [www.ediurcamp.urcamp.edu.br](http://www.ediurcamp.urcamp.edu.br)

FAT - Fundação Áttila Taborda  
Presidente:  
Lia Maria Herzer Quintana

URCAMP - Centro Universitário da Região da Campanha

Reitora:  
Lia Maria Herzer Quintana

Vice-reitor:  
Fábio Josende Paz

Pró-Reitora Acadêmica:  
Virgínia Paiva Dreux

Gerente Financeiro:  
Sebastião Mansur Kaé

Editor(a):  
Ana Cláudia Kalil Huber

Editor(a): Auxiliar  
Clarisse Ismério

Assessora Técnica:  
Bibl. Maria Bartira N. C. Taborda

Diagramação:  
Daiana Ornelas Ferreira

projeto gráfico:  
Clarisse Ismério e Daiana Ornelas

Fotografia de Capa:  
Clarisse Ismério

Revisora:  
Iara Roman Soares

### CONSELHO EDITORIAL

Ana Cláudia Kalil Huber	Dra. (Urcamp)
Clarisse Ismério	Dra. (Urcamp)
Fábio Josende Paz	Me. (Urcamp)
Fernando Pereira de Menezes	Dr. (Urcamp)
Sandro Moreira Tuerlinckx	Dr. (Urcamp)
Virgínia Paiva Dreux	Me (Urcamp)

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I83e Ismério, Clarisse.  
Echo Americano (1871-72): educação, cultura e representações  
artísticas nas páginas de um jornal. / Clarisse Ismério. - Bagé:  
Ediurcamp, 2019.  
43p.

ISBN: 978-85-63570-77-2

1. Jornal Echo Americano. 2. Cultura - Brasil.

I. Ismério, Clarisse. II. Título.

CDD: 070

Catalogação elaborada pelo Sistema de Bibliotecas FAT / Urcamp  
Bibliotecária Responsável: Maria Bartira N. C. Taborda CRB: 10/782

# SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO.....</i>	<i>5</i>
<i>UM PERIÓDICO BRASILEIRO EDITADO EM LONDRES.....</i>	<i>9</i>
<i>A ARTE POR PRINCÍPIO.....</i>	<i>15</i>
<i>O GRANDE FILHO DA TERRA.....</i>	<i>22</i>
<i>A MUSA NATUREZA.....</i>	<i>26</i>
<i>A IMAGEM DO IMPERADOR.....</i>	<i>30</i>
<i>OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO.....</i>	<i>33</i>
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</i>	<i>41</i>
<i>REFERÊNCIAS .....</i>	<i>42</i>

# INTRODUÇÃO

A origem desta pesquisa encontra-se no projeto Resgate de Jornais Raros (2000) apresentado ao então diretor do Museu de Comunicação Social, Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha. No acervo de documentos raros do Museu de Comunicação Social do RS "Hipólito José da Costa" existem jornais dos anos de 1814 a 1925, que devido ao manuseio impróprio e ao desgaste do tempo encontravam-se em estado lastimável. Assim buscava-se a preservação dos jornais raros através da produção de cópias, mais próximas possíveis dos documentos originais, para evitar o manuseio. O projeto que virou uma exposição e entre os periódicos trabalhados escolhemos um jornal para o desenvolver de uma pesquisa sistemática e, desta forma recuperar uma parte da nossa história.

O jornal escolhido foi o *Echo Americano*, cuja tiragem compreende os anos de 1871 e 1872. No primeiro contato jornal julgamos que se tratava de um periódico que difundia ideias Republicanas, pois a partir de 1870, o Segundo Império Brasileiro passou a ser alvo de um forte movimento político que buscava instalar no país o regime republicano. A base social difusora dessa proposta era formada principalmente por profissionais liberais e jornalistas, assim muitos jornais da época serviram como instrumento propagador dos ideais republicanos, como por exemplo: *O Malho*, *O Mequetrefe* e *O Diabo a Quatro*.

Porém, ao ser desenvolvida uma pesquisa detalhada na fonte em questão, foi abandonada a primeira impressão, pois constatamos que o *Echo Americano* era um periódico difusor da cultura europeia, preconizando a monarquia como forma perfeita de governo e, ao mesmo tempo, propagava um projeto de modernização do Brasil.

O *Echo Americano* é um jornal raro, com ilustrações belíssimas e somente por essa característica já merecia um estudo detalhado de seus discursos visuais, embora exista uma grande resistência no mundo acadêmico tradicional de aceitar a imagem como fonte principal. Quanto a essa postura nos contrapomos, usando a afirmação de Noronha que enfatiza que:

---

Pesquisa desenvolvida no Museu de Comunicação Social do RS "Hipólito José da Costa" / PPG de Ciências Sociais Aplicadas - UNISINOS, através da modalidade de bolsa recém-doutor da FAPERGS 2000-2001, sob orientação Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha.

As imagens são lugares privilegiados para a observação e a escuta da pluralidade de interesses, de jogos de linguagem e de culturas nas quais as sociedades modernas estão envolvidas. Assim, as imagens são um locus para o entendimento das mentalidades socioculturais. (NORONHA, 1999, p.16)

Vivemos em um mundo de imagens, as quais são consumidas diariamente como uma forma de linguagem representativa de nossa cultura, em uma época onde cada vez mais as imagens são predominantes no dia-a-dia tanto na mídia televisiva, filmes, jornais, revistas e redes sociais, que trazem muito mais imagens do que produção textual, convivemos, absorvemos e produzimos imagens, pois estas são os símbolos e mitos que criamos para codificar o nosso mundo.

As imagens são discursos visuais e também contêm inúmeros vestígios das sociedades do passado que muitas vezes não foram registrados através de documentos escritos, daí o seu grande valor como fonte.

No *Echo Americano*, as imagens compõem grande parte do jornal e são, sem dúvida nenhuma, a parte de maior importância do periódico, uma vez que serviam para propagar um projeto civilizador para o Império Brasileiro. As imagens apresentadas são discursos visuais que remetem ao observador conceitos de civilidade, de cultura e de beleza.

A teoria de pesquisa baseou-se na História da Cultura partindo do entendimento dialético entre as condições objetivas da vida e a maneira como os articulistas do jornal construíam os pressupostos modernizadores do país como formadores da cultura. Analisamos o discurso proposto pelo periódico *Echo Americano*, tanto como agente impondo seus conceitos, como também sendo um reflexo do imaginário social. Portanto o referido jornal apresentava discursos informativos sobre as obras de arte, arquitetura, hábitos e costumes projetos urbanísticos das principais cidades europeias, que funcionavam com instrumentos educativos que visavam moldar a sociedade brasileira do período. Conforme destaca Charaudeau:

O discurso informativo não tem uma relação estreita somente com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quanto mais não seja, pela autoridade que o saber lhe confere. Informar é possuir um saber que o outro ignora ("saber"), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro ("poder dizer"), ser legitimado nessa atividade de transmissão ("poder de dizer"). Além disso, basta que se saiba que alguém ou uma instância qualquer tenha a posse de um saber para que se crie um dever de saber que nos torna dependentes dessa fonte de informação. Toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro (CHARAUDEAU, 2006, p. 63).

A essa leitura somou-se o conceito de processo civilizador de Norbert Elias. Para Elias o conceito de civilização está ligado a uma grande variedade de fatos, tais como: o nível de tecnologia, o desenvolvimento do conhecimento científico, as normas de relacionamento social, as ideias religiosas e os costumes. Todos estes fatos levam a um denominador comum que é a consciência que o Ocidente tem de si mesmo, ou ainda o conceito de consciência nacional. Portanto a auto-imagem nacional (social, política, econômico e cultural) que as sociedades civilizadas têm de si é o que as difere das mais primitivas (ELIAS, 1995, p. 23-25, vol. I).

Elias considera que existem diferentes estágios evolutivos de civilidade, pelos quais passam as sociedades em suas grandes transformações. O primeiro seria o período de formação, que ocorre nas sociedades mais "infantis"; um intermediário que ocorre nas chamadas sociedades mais "jovens"; e o de plenitude da civilização das consideradas mais velhas. Para atingir a civilidade tanto é necessário que exista um processo civilizador composto de desenvolvimento tecnológico, educação, transformação da existência social e ordenação da conduta (ELIAS, 1995, p. 202 e 212, vol. II).

A conduta era a condição básica para civilizar-se, aprender a se comportar, a controlar as atitudes e instintos, assim os guerreiros transformam-se em cortesãos. Ao chegarem a este estágio tornam-se civilizados, pois segundo Elias a sociedade de corte era o centro da transformação civilizadora (ELIAS, 1995, p. 216, vol. II).

Assim o jornal coloca-se como instrumento difusor de civilidade, uma vez que visava educar e controlar a sociedade ainda jovem, a partir de modelos estéticos e culturais extraídos de sociedades mais "velhas", como no caso, a Inglaterra e a França. A França neste período era considerada o grande centro da cultura ocidental, portanto servia de modelo de civilização.

De acordo com Vovelle (1997, p. 18-22) as imagens são consideradas como bases de registros que servem para reconstituir parte da cultura, vida política e social de uma época.

A metodologia utilizada para analisarmos o imaginário do período foi através de interpretação dos símbolos que o compõem. Os símbolos têm a capacidade de sintetizar uma expressão, variando seu significado e interpretação conforme a época e o discurso em que se encontram inserido.

Os símbolos são processos herdados de uma cultura universal. Podem ser termos ou imagens familiares da vida diária, como fruto da herança instintiva oculta no interior do ser humano e são denominados por Jung (sd.,p.20) como arquétipos. Os arquétipos manifestam-se como imagens primordiais culturais, por possuírem uma característica comum a todos os povos e tempos. Esse caráter de universalidade do arquétipo permite produzir ideias semelhantes através de símbolos.

Os símbolos não possuem um sentido único, mas múltiplo, bipolar e também compõem-se de um forte teor educativo. De acordo com (JUNG, 1990, p.86) Desenvolvem-se dentro do imaginário, agindo como parte do mundo humano dos sentidos. O símbolo é uma forma de interpretar uma realidade, quando ele passa para a representação no plano físico, é denominado de signo. O signo é transmitido através de pinturas, desenhos e estátuas, podendo também ser encontrado na forma de alegorias e atributos.

Uma vez definido o corpo conceitual e a metodologia aplicada passamos a analisar as imagens guardadas pelo Echo Americano, as quais nos revelou um projeto de um Brasil futuro, construído no passado. E para analisar as imagens e os temas propostos pelo jornal, procuramos dividir os capítulos em as tipologias temáticas, como mostraremos a seguir.



# I

## UM PERIÓDICO BRASILEIRO EDITADO EM LONDRES

O periódico ilustrado *Echo Americano* era impresso em Londres, e segundo seus editores, isto se devia à tecnologia de impressão dos artigos e das reproduções das imagens que só este grande centro poderia oferecer.

Não era novidade a estreita ligação existente entre o Brasil e a Inglaterra, iniciadas com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808. Conforme destaca Nelson Verneck Sodré durante o II Império os jovens brasileiros iam estudar na Inglaterra, pois queriam adquirir uma cultura mais adiantada e conquistar títulos na corte. Os políticos e os economistas brasileiros também se baseavam no modelo inglês (SODRE, 1998, p.159).

Muito antes do *Echo Americano* sair à luz, Hipólito José da Costa<sup>2</sup>, que dá nome ao Museu de Comunicação do Rio Grande do Sul, fundou em 1808 o jornal *Correio Brasiliense* também editado em Londres e que era vendido no Brasil e circulou até 1823.

Portanto não é de se estranhar que exista um jornal como o *Echo Americano*, produzido por brasileiros em Londres, que através deste procuravam difundir no Brasil valores da cultura europeia.

O *Echo Americano* que era transportado por barcos a vapor para circular de 15 em 15 dias no Brasil, Portugal e colônias portuguesas e circulou nos anos de 1871 e 1872. O primeiro número data do dia 9 de maio de 1871. Era vendido pelo preço de 600 rs no Brasil e 300 rs em Portugal (ECHO AMERICANO, 1871, p. 2).

Constituíam-se de duas partes, uma nacional e outra internacional, a página 2 era escrita em francês ou inglês e as demais em português. Até o número 7 os artigos culturais e comerciais eram escritos em inglês. Do número 8 em diante os artigos culturais passaram a ser escritos em francês (língua erudita), embora os anúncios comerciais continuassem em inglês (língua popular e comercial).

---

<sup>2</sup>Nasceu na Colônia do Sacramento em 1774 e morreu em Londres no ano de 1823, onde estava exilado desde 1805. Formado em leis pela Universidade de Coimbra em 1789, estudou nos Estados Unidos economia. Em 1801 foi nomeado para trabalhar na Imprensa Real. Perseguido pela Inquisição portuguesa, esteve encarcerado até 1805, quando foge e vai para Londres, ficando sob a proteção do duque de Sussex (FLORES, 1996).

Como exemplo podemos citar a publicação reproduzida datada do dia 27 de outubro de 1871, que mostra o editorial e os anúncios dos teatros em língua inglesa e o cultural, sobre a poesia de Bernardo Guimarães, que está em francês.

Essa característica do jornal estava ligada diretamente com a guerra Franco-Prussiana, resultante de problemas de delimitação de fronteiras referente ao território da Alsácia-Lorena em 1871. A guerra trouxe a destruição da cultura francesa abrindo espaço ao "barbarismo". Uma vez restabelecida a ordem as coisas voltam ao normal, reestruturando a cultura francesa e sua influência sobre os demais países.

A grande importância deste jornal se dá por ser ilustrado, pois no segundo Império poucos sabiam ler. Nos dados referentes ao senso de 1872 mostram que 99,9% da população de escravos era de analfabetos, 80% na população livre e ao incluir as mulheres subia para 86% (ALENCASTRO, 1997, p.475). Conforme os dados abaixo (quando 1) podemos constatar o número de habitantes que sabiam ler e escrever nas principais províncias:

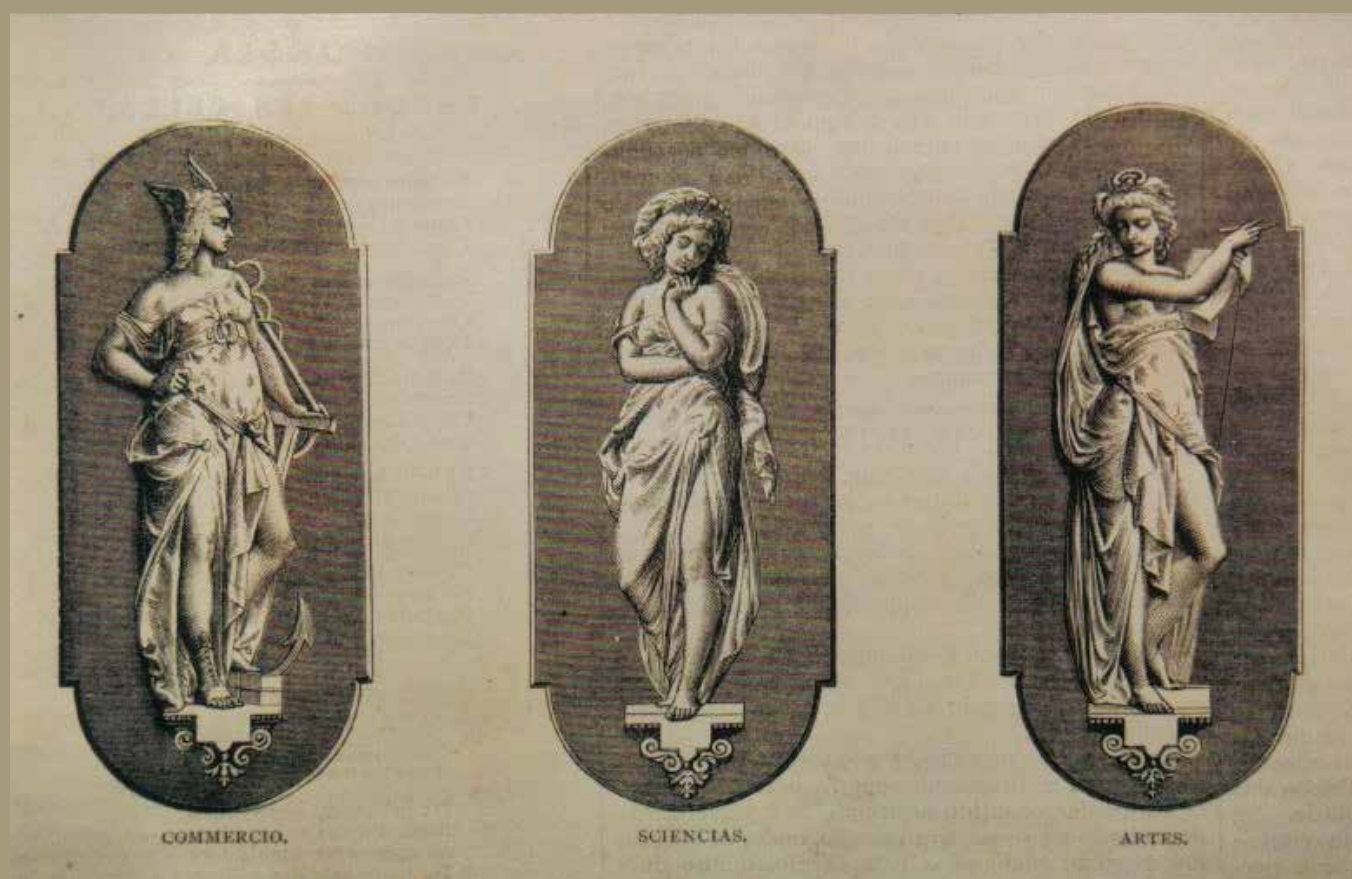
<i>Porcentagem da População livre que sabe ler e escrever</i>			
Província	Livres	Instruídos	%
Alagoas	312.268	41.860	13,4
Amazonas	56.631	7.613	13,4
Bahia	1.211.792	249.072	20,6
Ceará	689.773	79.560	11,5
Espírito Santo	59.478	9.732	16,4
Goiás	149.743	22.656	15,1
Maranhão	284.101	68.571	24,1
Mato Grosso	45.851	9.721	11,6
Minas Gerais	1.669.276	224.539	13,5
Pará	247.779	60.395	24,4
Paraíba	354.700	41.212	11,6
Paraná	116.162	31.816	27,4
Pernambuco	746.753	146.663	19,6
Piauí	178.422	27.770	15,6
Rio de Janeiro	716.120	213.756	29,8
Rio Grande do Norte	220.959	39.822	18,0
Rio Grande do Sul	367.022	95.303	26,0
Santa Catarina	144.818	21.926	15,1
São Paulo	680.742	141.067	20,7
Sergipe	153.620	29.138	19,0
Senso de 1872			

Quadro 1: Senso de 1872. Fonte: ALENCASTRO, 1997, p.475.

Com base no senso de 1872 percebemos a importância desse jornal que através das imagens criava um conjunto de percepções cognitivas que levavam o leitor brasileiro a uma experiência bastante significativa e educativa, pois entrava em contato com a cultura e com os códigos sociais europeus.

O jornal usava as imagens para educar o leitor analfabeto, com o auxílio a o processo cognitivo, introduzindo valores e experiências que levavam a construção da civilidade. O recurso de orientar através das imagens as populações cada vez mais utilizado pela imprensa atual, quando usam fotos e ilustrações, cada vez mais perfeitas, dando um sentido bastante real a mensagem que pretendem passar. Em muitos casos a imagem fala por si só.

Dentre as muitas imagens, e dos mais variados temas que o jornal reproduz, destacamos as alegorias do comércio, das ciências e das artes, que fazem de maneira figurativa a representação dos temas centrais (figura 1).



**Figura 1:** Alegorias do Comércio, Ciências e Artes. Fonte: Echo Americano, 24 de junho de 1871, n.º 4. p. 56.

As alegorias seguem o estilo clássico. A que representa o comércio foi representada com os símbolos distintivos do deus Hermes ou Mercúrio, o gorro alado e o caduceu. Hermes era o deus do comércio e o mensageiro dos deuses, é símbolo da inteligência industriosa e realizadora. O gorro alado evidencia a agilidade e elevação. O caduceu é um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes, representando a dupla face do universo, o benéfico e o maléfico, o antagonismo e o equilíbrio cósmico. Estes símbolos presentes na alegoria mostram a agilidade e os dois lados do comércio. A âncora simboliza o comércio marítimo, podendo também aqui tentar evidenciar o comércio entre Brasil e Inglaterra.

A alegoria das ciências foi representada como uma mulher pensando e as artes como uma das musas gregas. Na mitologia as musas eram as divindades inspiradoras da poesia e das artes. Contando ao todo eram nove, sendo que cada uma tinha sua especialidade: Caliope, era da poesia épica e da eloquência; Melponeme, a tragédia; Tália, a comédia; Polymia, a poesia lírica; Erato, a poesia erótica; Clio, a história; Euterpe, a música; Terpsycore, a dança e Urânia, a astronomia. A alegoria no jornal representa as artes escritas e visuais que eram temas do *Echo Americano*.

As artes, definidas como literatura, pintura e escultura, tinham um lugar privilegiado entre os assuntos abordados, pois o grande objetivo do *Echo Americano* era difundir a arte europeia através de suas reproduções e assim influenciar os artistas brasileiros.

Considerava-se uma verdadeira “escola ou jardim de arte” repleta de símbolos que permitem reconstruir o imaginário e a mentalidade da época. Foi criado para influenciar a formação cultural de grande parte da população do Brasil do segundo reinado, pois deveria entrar tanto na casa do rico como do pobre: “E o *Echo Americano* terá entrada na choupana do pobre, e na casa do rico, pela modicidade do seu preço” (*ECHO AMERICANO*, 1871, p. 2). Para os criadores o jornal era uma pequena cidade depositária de ideias:

Artífices modestos edificamos o *Echo Americano*, e se obreiros perseverantes, formos protegidos, e a pequena cidade que vamos erigir, procuraremos alindar e tornar repleta de delícias e força, virá a ser algum dia uma metrópole (*ECHO AMERICANO* 1871, p. 2).

E segundo seu editorial, o veículo pretendia ser um divisor de águas da imprensa nacional, tanto pelo conteúdo como pelas imagens que trazia. Seria uma luz que guiaria com passos certos o progresso do Brasil.

O Brasil já não dorme; lá, a luz se propaga com rapidez; e a imprensa este quinto do poder do Estado, segundo Cormerin, derrama seus raios por todos os recantos; e quando as tipografias se multiplicarem com as oficinas, o concurso gerará a barateza da impressão; os trabalhos serão mais perfeitos; nascerá a necessidade de criar ocupação para os prelos, e a especulação entreterá ativos todos os espíritos. No imenso, vasto e fértil Império do Cruzeiro a luz se faz, e o povo já conheceu que a luz é boa, e o povo ali se acha para promover o progresso de nossa sociedade; firme no seu posto, servir-lhe-ão para as lutas do entendimento as luzes que tem adquirido; servirão para a sua grandeza futura estas mesmas luzes, e a riqueza natural que é dotado o Império de Santa Cruz. Tudo isto é movimento, e movimento é força. O caminho do progresso está aberto; as molas para a instrução se ramificam, e com o calor do Equador, maior força de elasticidade adquiram. Cada raio de luz que se derrama, é, portanto, um cérebro demais que se esclarece; e cada cérebro esclarecido é um adepto de mais que contam as letras pátrias e o jornalismo; é mais um elemento de forças que se cria. E que para mais rapidamente conste o que pode convir para que se saiba a respeito do ECHO AMERICANO, diremos que ele será um receptáculo, em cujas páginas se estamparão o que houver de melhor sobre agricultura, ciências e artes, que possa interessar ao Brasil; coleções de escritos sobre outros assuntos, tanto originais, quanto trasladados para a língua vernácula; e descrições, mais ou menos circunstanciadas de tudo quanto houver de notável na Europa, e nas duas Américas. E porque o patriotismo não costuma desmaiar na presença de obstáculos, por mais insuperáveis que sejam, e por toda a parte onde ele exista, opera prodígios, garantimos a nossos conterrâneos que o nosso amor pátrio se fortalecerá cada vez mais se, como esperam os e respeitosa e invocamos, o patriotismo de nossos irmãos de todo o Império nos coadjuvar. É para ele, e para eles, que apelamos, porque o tempo das trevas está passado; e todo o ato que importa um impulso, uma inclinação ao trabalho, uma esperança de futuro deve ser sempre bem-vindo e bem acolhido. E, concluindo, diremos com o virtuoso Montalambert a hora da morte: A despeito de tudo temos inteira confiança no futuro porque sabemos trabalhar e caminhar, como trabalha e caminha a madrepérola na profundidade do mar. (ECHO AMERICANO. Londres, 9 de maio de 1871, nº. 1, p. 2)

Podemos considerar que o Echo Americano era um jornal que trazia como proposta a difusão de um projeto civilizador no Brasil, cujas bases estavam alicerçadas na cultura européia, ao mesmo tempo que reivindicava a modernidade do país. A modernidade só seria conquistada através da educação, saneamento, melhoria dos transportes, projetos na área do urbanismo, construção bibliotecas e fundação de Institutos de Pesquisa. Essas eram consideradas, segundo os articulistas do jornal, as premissas básicas para o país ser civilizado.

Em 1850 foram tomadas medidas que visavam mudar a estrutura política e econômica do Brasil e assim inseri-lo dentro do contexto da modernidade. Tais mudanças foram oriundas do Bill Aberdeen, de 1845, imposto pela Inglaterra ao Brasil através do qual o governo inglês se arrogou o direito de apresiar os navios que traficavam escravos. Como resultado, em 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz o tráfico de escravos foi proibido no Brasil, mas o contrabando continuou até 1856.

Com o fim da exportação dos escravos ocorreu a liberação de capital para outras áreas da economia, que produziram aumento nas atividades comerciais. Em decorrência surgiram bancos, pequenas indústrias, empresas de navegação, entre outros.

Outras medidas também foram tomadas, tais como: a promulgação das Leis de Terras, a centralização da guarda nacional e a aprovação do primeiro código comercial, todas visando colocar o Brasil dentro da proposta de modernização capitalista que se desenvolve de maneira bastante lenta.

Constatamos através dos textos e das ilustrações que o *Echo Americano* vai cobrar que sejam feitos avanços para modernizar o país, ao mesmo tempo que esboça um projeto de civilização baseada no modelo europeu.



## II

# A ARTE POR PRINCÍPIO

O estilo artístico que marcou o período colonial brasileiro foi o Barroco, no qual se destacaram artistas locais como Manuel da Costa Ataíde ou Mestre Ataíde, na pintura; e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, na arquitetura e escultura. Era um estilo desenvolvido na maior parte das vezes por autodidatas e por membros oriundos de camadas menos favorecidas.

O Barroco foi suplantado em 1816 com a vinda ao Brasil da Missão Artística Francesa, que trouxe o estilo neoclássico acadêmico baseado nas escolas europeias. A "nova arte" propiciou o refinamento da corte do Rio de Janeiro, afrancesando os costumes locais.

A missão era composta por Lebreton, chefe da missão; pelo arquiteto Grandjean de Montigny; os escultores Marcos e Zeferino Ferres; e os pintores Nicolau e Felix Taunay. Mas um pintor merece ser destacado da missão, Jean Baptiste Debret, pois documentou através de imagens aspectos do cotidiano e da cultura brasileira do período. As Aquarelas de Debret são discursos visuais de uma época que servem como fonte primária para entender a história do período.

O estilo neoclássico marcou fortemente a arte do século XIX no Brasil, sendo que os pintores de maior destaque foram Vitor Meireles<sup>3</sup> e Pedro Américo Leal<sup>4</sup>. Pintaram grandes painéis históricos, fortemente marcados pela teatralidade. Foram responsáveis pelos "retratos" de D. Pedro II. A escultura ficou restrita a arte cemiterial e dos prédios públicos, sendo o maior escultor do período, Rodolfo Bernardelli.

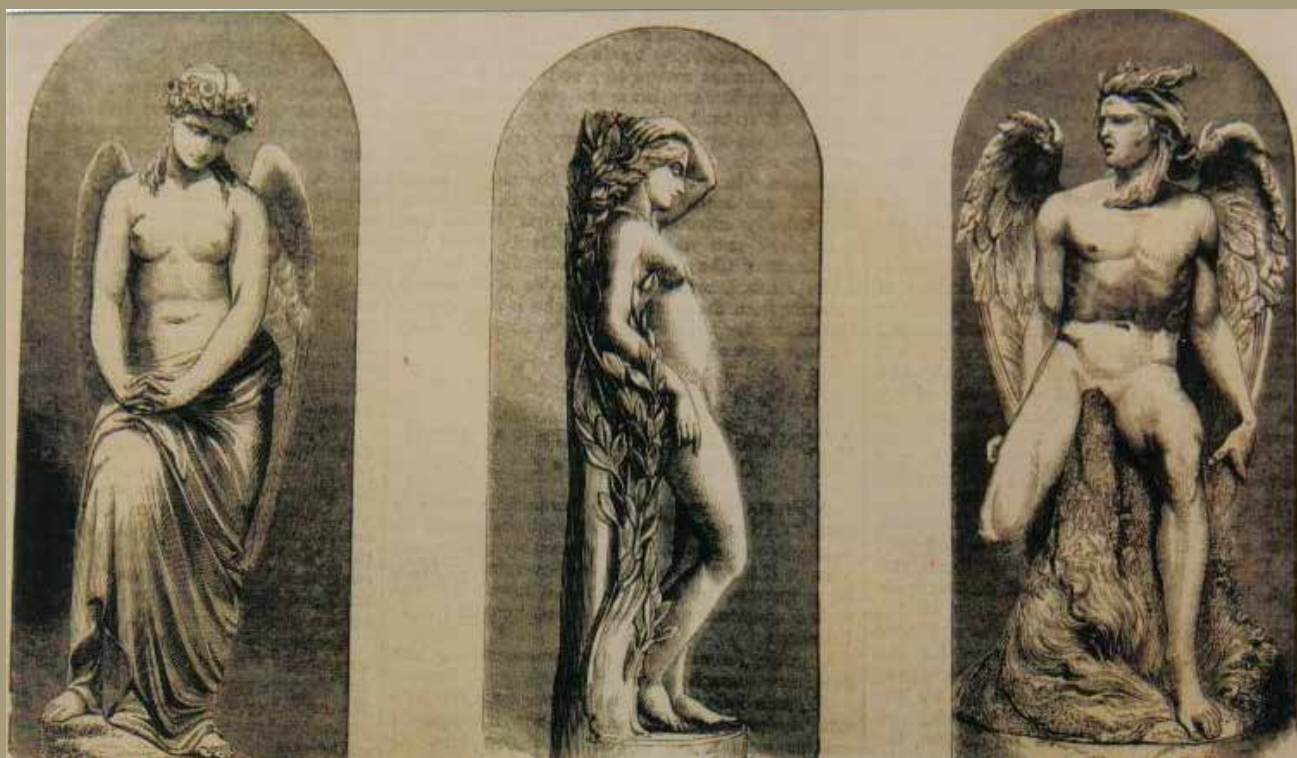
<sup>3</sup> Vitor Meireles de Lima nasceu em Desterro (atual Florianópolis) em 18 de agosto de 1832 e morreu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1903. Em 1847 ingressou na então academia Imperial de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, frequentando o curso de pintura histórica. Em 1852 conquistou o prêmio de viagem ao estrangeiro, com a tela "São João Batista no cárcere". Na Itália e na França viveu cerca de nove anos. É dessa fase "A primeira missa no Brasil", tida como sua obra-prima, que foi apresentada no Salão de Paris (1861) e na Exposição Internacional de Philadelphia (1876). De volta ao Brasil, foi nomeado professor da Academia Imperial, na qual se afastou com a reforma (1890), decorrente da proclamação da república. Entre suas obras destacam-se "Combate Naval de Riachuelo" e "Passagem de Humaitá" (1872), episódios da guerra do Paraguai, encomendados pela marinha o "Juramento da princesa Isabel" (1875) e a "Batalha de Guararapes" (1879). Entre as paisagens, destacam-se uma das suas primeiras obras, "Uma Rua de Desterro" (1851), no Museu Nacional de Belas-Artes, do Rio de Janeiro, que possui a maioria de seus trabalhos. (FLORES, 1996)

<sup>4</sup> Pedro Américo de Figueiredo e Melo, nasceu no município de Areia, em 1843 e morreu em Florença em 1905. Acompanhou o naturalista francês Louis Jacques Brunet em missão científica pelo Norte do Brasil, como desenhista, quando tinha apenas nove anos. Estudou no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (1854), e na Academia Imperial de Belas-Artes. Esteve na França como bolsista (1859), frequentando a Escola de Belas Artes de Paris e estudando sobretudo Ingres, Leon Cogniet e Horace Vernet. Estudou no Instituto de Física de M. Ganot e seguiu cursos de filosofia e literatura na Sorbonne. Em sua segunda viagem à Europa doutorou-se em ciências físicas em Bruxelas (1869) com a tese que deu origem ao livro *La Science et les systèmes* (A Ciência e os sistemas). Entre os seus quatro, encontra-se os mais famosos, em 1877 pintou a "Batalha do Avaí" e em 1888 o "Grito do Ipiranga". Com a proclamação da república, foi eleito deputado à constituinte (1890). Entre suas obras também se destacam: "David e Abzag", "A Noite com os gênios do estudo e do amor", "Batalha do Campo Grande", "Casamento da princesa Isabel" e "D. Pedro II na abertura da assembléia geral". (FLORES, 1996)

Além de manter neoclássico como estilo artístico no II Império, também se manteve a mentalidade de que para atingir o refinamento a sociedade de corte brasileira deveria seguir como modelo a sociedade europeia, especialmente a estética francesa de civilidade.

Os articulistas do *Echo Americano* usavam a arte do antigo continente como modelo e inspiração para estudos dos artistas locais, assim utilizavam as páginas do jornal para estampar quadros e esculturas de nomes consagrados. As obras eram reproduzidas através de fotos e depois passavam para desenho. Além de influenciar os artistas eram também reproduzidas para que os leitores, em geral, pudessem apreciar e aprender, pois, como vimos anteriormente, o *Echo* se autodenominava como uma “escola ou galeria de artes”.

Uma das reproduções artísticas destacadas nas páginas do jornal referem-se a ícones da mitologia clássica e da literatura bíblica como Peri, Dafne e Satanás (figura 2).



**Figura 2:**Estátuas de Peri, Dafne e Satanás. *Echo Americano*, n. 1, Londres, 9 de maio de 1871, p. 4.

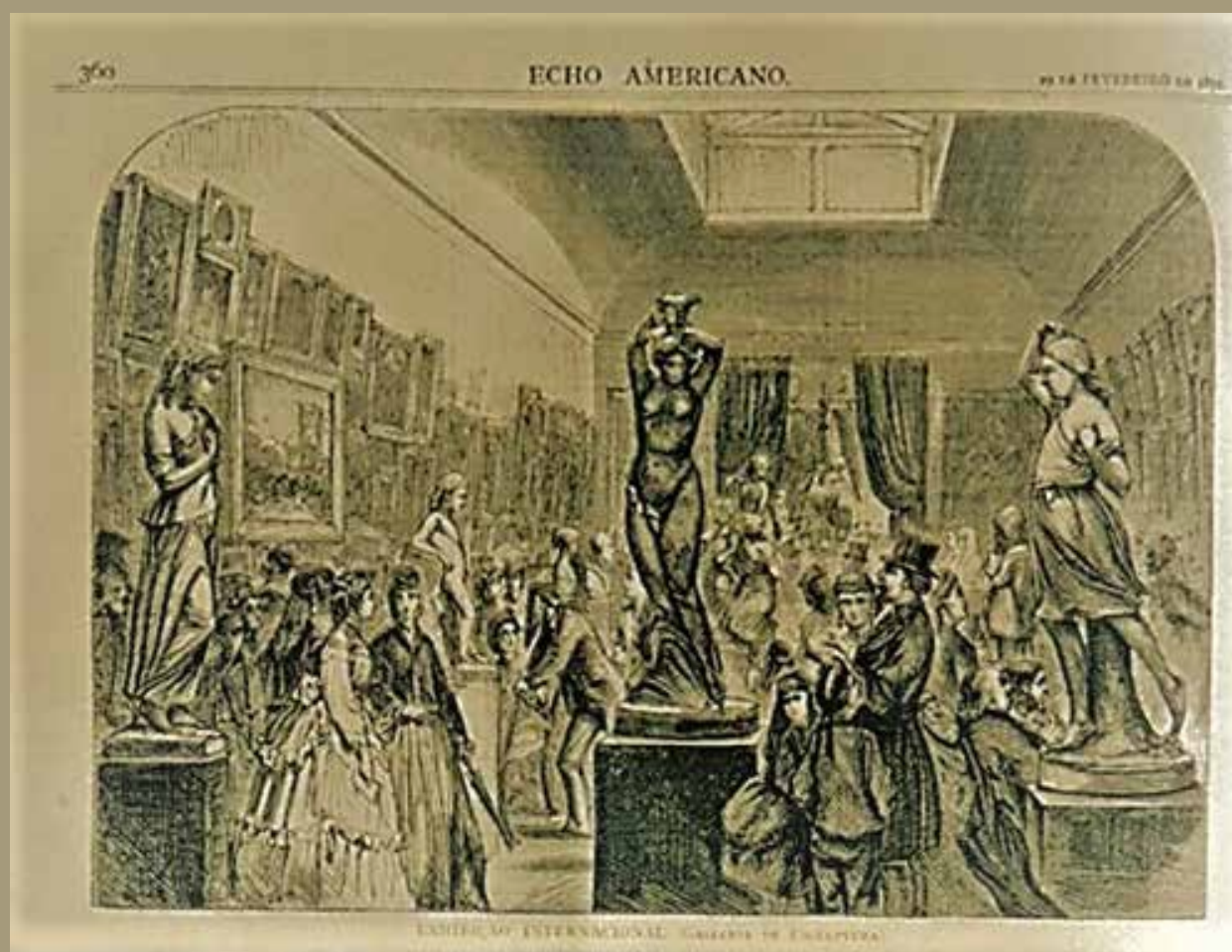


Peri representa os gênios masculinos ou femininos da cosmogonia iraniana, que em geral são seres benéficos com características fantásticas que alimentam-se do perfume das flores e habitam a morada dos deuses. Algumas vezes dessem à terra para se comunicar com os humanos e algumas em alguns casos se relacionam sexualmente com eles. Os filhos que nascem destas uniões são sempre belíssimos. Os Peris são os arquétipos formadores dos anjos.

Dafne era uma ninfa de rara beleza, filha do rio Peneo e de Géia, deusa terra. Apolo, deus da luz e da beleza, apaixonou-se perdidamente pela ninfa e a quis possuir. Dafne o rejeitou e fugiu correndo. Apolo a persegue e quando quase a alcança, Dafne pede aos seus pais que a salvem, assim foi transformada num loureiro. Diante do ocorrido Apolo declara que o loureiro será sua árvore preferida, sendo usada como símbolo distintivo do deus e de suas vitórias. Assim, gregos e romanos usavam as folhas de louro para saudar os atletas e grandes guerreiros.

Satanás ou Lúcifer, era o grande símbolo do mal do imaginário medieval e moderno europeu. Em sua origem, Lúcifer era um anjo, portador da luz e o mais belo dentre todos, que ousou se insurgir contra Deus. Lúcifer rebelou-se com suas hostes malignas contra Deus, causando uma verdadeira guerra no céu, mas foi derrotado e expulso pelo Arcanjo Miguel, sendo abatido e tombado na terra, onde construiu seu reino do mal com seus seguidores.

Outro tema bastante comum era mostrar o público europeu visitando as galerias de arte, como mostra a imagem referente a exposição internacional da galeria de esculturas londrina. Era uma forma de mostrar que o povo europeu prestigiava as artes e por isso eram refinados e sua cultura era invejável (figura 3).



**Figura 3:** Exposição internacional. Echo Americano, Londres, 29 de fevereiro de 1872, n. 20, p. 360.

Tal empenho de mostrar obras de arte e o que elas causavam no público era necessário, porque no Brasil não existia um desenvolvimento nas artes visuais como existia na literatura.

As Belas Artes, bem como as literaturas, de origem americana, se não podem, apresentar um cunho de nacionalidade, por assim dizer tradicional, a oriunda dos povos antigos e das velhas nações europeias, visto a sua recente data de sua formação social, podem contudo explorar largo horizonte, tanto em referencia ao uso e costumes das raças primitivas, como nas pinturas das paixões enérgicas de seus descendentes e nas inspirações que a natureza opulenta das regiões intertropicais oferece á contemplação das inteligências superiores.

Além de crescido número de notáveis escritores e poetas, tal como Gonçalves Dias, Alencar, e outros muitos nomes, que abrilhantam a notável falange dos cultores das letras brasileiras; as republicas espanholas contam uma gloriosa lista de engenhos não menos dignos de perdurar nos fastos intelectuais do século, e assim sucede também a América do Norte, onde os romances de Cooper e as soberbas e patrióticas estrofes de Longfellow tem hoje acolhimento e reputação universais. Infelizmente o que pode observar-se em literaturas, não pode de todo o ponto ser aplicado ao desenvolvimento e a especialidade do ramo das Belas Artes. Se a escultura e a pintura pouco progressos tem feito relativamente ao que se poderia esperar dos recursos artísticos que oferece á imaginação e ao talento a natureza do novo continente, a música tem conquistado mais algum terreno e sobretudo entre os povos de origem ibérica conseguindo manifestar-se sob uma forma nova e pitorescamente local, nos cantares e curtas composições, onde se revela exuberante expressão do sentir nacional. (Echo Americano, Londres, 9 de maio de 1871, n. 1, p.6.)

A literatura do II Império era marcada pelo estilo romântico. Na poesia brilharam nomes como Gonçalves Dias<sup>5</sup>, Álvares de Azevedo<sup>6</sup> e Castro Alves<sup>7</sup>. O romance romântico também assinalou a literatura do período, tendo quatro tendências marcantes, poderia possuir temas urbanos, regional, histórico e indianista. Os romancistas de maior destaque foram Manuel Antônio de Almeida<sup>8</sup>, Alfredo d'Escagnolle Taunay ou Visconde de Taunay<sup>9</sup>, Bernardo Guimarães<sup>10</sup>, Franklin Távora<sup>11</sup> e José de Alencar.

José de Alencar foi o mais produtivo dos romancistas românticos escrevendo em todas as temáticas<sup>12</sup>, também atuou no teatro, crítica e participou ativamente da política de seu tempo. Procurou em seus romances elaborar uma linguagem, traduzindo o modo de sentir e expressar do brasileiro sobre a sua realidade. No artigo, Gonçalves Dias e José de Alencar são citados como os grandes expoentes de nossa literatura.

---

<sup>5</sup>Nasceu no Maranhão em 1823 e morreu num naufrágio em 1864. Com Antônio Gonçalves Dias iniciou a verdadeira poesia romântica no Brasil. Obras: Primeiros Cantos (1846); Segundos Cantos e Sextilhas do Frei Antão (1848); Últimos Cantos (1851); Os Timbiras (1857- incompleto); Cantos (1857).

<sup>6</sup> Manuel Antônio Álvares de Azevedo, nasceu em São Paulo em 1831 e morreu no Rio de Janeiro em 1852. Sua poesia era inspirada em Byron. Foi o maior representante do ultra-romantismo ou mal do século. Obras: Lira dos Vinte anos, Conde Lopo, A Noite na Taverna e Macário.

<sup>7</sup> Antônio Castro Alves, nasceu na Bahia em 1847, onde faleceu em 1871. Poeta do estilo condoreiro e abolicionista. Obras: Espumas Flutuantes, A Cachoeira de Paulo Afonso, Os escravos, Revolução de Minas. Além de poesias avulsas.

<sup>8</sup> Autor de Memórias de um Sargento de Milícias, romance urbano, a trama se passa nas ruas e casebres do Rio de Janeiro, possui tom satírico.

<sup>9</sup>Inocência (1872), romance regional.

<sup>10</sup>A escrava Isaura, O Seminarista, ambos regionais e o romance histórico Lendas e Romances: Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais.

<sup>11</sup> Romance histórico: O Matuto, Lourenço

<sup>12</sup> Romance Urbano: Cinco Minutos (1856); A Viuvinha (1860); Luciula (1862); Diva (1864); A Pata da Gazela (1870); Sonhos d' Ouro (1872); Senhora (1875) e Encarnação (póstumo 1893). Regionalista: O Gaúcho (1870); O Tronco do Ipê (1871), Til (1872) e O Sertanejo (1875). Histórico: As Minas de Prata (1865-66) e A Guerra dos Mascates (1873). Indianista: O Guarani (1857); Iracema (1865) e Ubirajara (1874).

Apesar da pintura e escultura não serem desenvolvidas amplamente, o Brasil possui o gosto para o belo, pois temos uma natureza maravilhosa para servir de inspiração para nossos artistas. Assim como a Escola de Belas Artes e o Liceu de Artes e Ofícios já produziram nomes de destaque em nossa pintura. Mas, segundo o Echo Americano, ao contrário dos brasileiros, os ingleses não possuem tal sensibilidade. Não são capazes de produzir grandes obras de arte, apesar de terem grande desenvolvimento industrial, comercial e tecnológico. São homens de negócio, não artistas.

Na Inglaterra o que mais saliente se mostra às vistas do estrangeiro é incontestavelmente a Galeria Nacional. É quase máxima a negação absoluta do inglês para tudo quanto tende a revestir de forma sensível - o belo - no que diz respeito a poesia, escultura, pintura e música. Bem poucos eleitos tem aparecido entre estes insulares, - homens dos caminhos de ferro, da navegação, e em substância da lógica mercantil. Na pintura, parte em que vamos nos ocupar, são eles paupérrimos. A Galeria Nacional, que se anuncia, ou que se deverá anunciar, como receptáculo das obras primas dos filhos do país, é só notável pelas pinturas dos mestres estrangeiros; e se não fossem os quadros de Ticiano, Leonardo da Vinci, de Rafael e Miguel Ângelo, de André del Sarto e Sebastiano del Piombo, este edifício, que começa por sustentar uma cúpula, que mais se assemelha a um "bonet" de jóquei, não mereceria a visita de um aprendiz de artista, e menos ainda de um crítico erudito. (...) Entre nós, porém, a tendência para o belo é inata. Quem quiser saber quando cantou o primeiro poeta, pergunte as nossas florestas qual foi a primeira ave que soluçou um canto. A natureza do Brasil é por si a arte. Os seus filhos para serem artistas é lhes necessário inspirar-se nela. A Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro começou a criar uma escola a que se denominou - Escola Fluminense. Teve ela sectários? Teve ela mérito? Os mestres que respondam. Hoje, porém, sabemos que há distintos artistas; que há originalidades produtoras, que há muito talento que resplandece. Excederão os Brasileiros aos Ingleses nesse ponto? Com certeza o afirmamos. Motta, Victor Meirelles, Pedro Américo, Lobo, Poluceno e Fragoso acham-se colocados em uma altura em que Turner e os seus compatriotas, pintores, só lhe podem adornar os pedestais. E alguns europeus associam-se também aos nossos triunfos. Sem termos de memória (...) lembramo-nos de Vinet, o artista francês, paisagista essencialmente brasileiro, o artista que compreendeu em sua plenitude as maravilhosas descrições americanas de José de Alencar. E quanto desenvolvimento, e quanto futuro não oferece aquela Instituição, que cresceu quase desconhecida como um riacho dos nossos sertões, e que se chama hoje Liceu das Artes e Ofícios? Este Instituto que conta atualmente perto de mil alunos, quando fruto já não tem dado ao país? Sob esses auspícios, com essa seiva, alenta-se o nosso país natal para, dentro em pouco, alistar-se no congresso das nações, não só como um povo ilustrado, generoso e altivo, mas também artista. A Inglaterra prima no domínio das riquezas dos monumentos. Precisamos nós um dia? O Brasil tem mais vocações para o ideal. Tocaremos a perfeição?" (Passamos agora às Belas Artes. In. Echo Americano. Londres, 24 de fevereiro de 1872, n.19, p. 6.)

No o artigo, os ingleses não são considerados pintores, mas os brasileiros sim, porque são sensíveis e possuem uma mãe natureza maravilhosa que inspira e encanta. A magnitude da natureza era tão forte que encantava, até mesmo, quando descrita literariamente.

A crítica aos ingleses foi fundamentada no exemplo de Willian Turner<sup>13</sup>, precursor do Impressionismo. A arte que estava em evidência no período era o estilo neoclássico e era uma linguagem estética que “agradava os olhos” dos brasileiros que não entendiam, assim como muitos da época a genialidade de Turner.

Segundo os articulistas do jornal, o Brasil apesar de ser um país jovem, era reconhecido internacionalmente por suas riquezas naturais, sua política, economia e intelectuais. Encontrava-se em destaque frente às outras nações latinas, pois é um império que caminha cada vez mais para seu amplo desenvolvimento.

O Brasil, onde a natureza é inexaurível em seus tesouros, não se tem elevado à sombra de suas riquezas naturais. Figurando há apenas 46 anos na lista das nações independentes e soberanas, já tem colhido em tão breve estádio louros inacessíveis e erigido honradíssimos troféus, assinalando ao mundo os seus rápidos progressos políticos, intelectuais e econômicos, e selando a sua juvenil, mas gloriosa reputação. (...)O Brasil cavou, na Guerra do Paraguai, os alicerces de sua justa influência internacional como um grande Império. A cultura intelectual do povo Brasileiro, tem feito progressos lentos, mas visíveis, que todos os dias se registram no seu viver econômico e social. (...)A Europa já de há muito reconhece que no Brasil a ilustração, o trabalho e as instituições políticas e sociais constituem a sua vitalidade, e que entre os povos neolatinos, que habitam a parte meridional do continente americano, o Império do Cruzeiro ocupa o lugar de nação chefe. (O Ateneu e o Brasil Literário. In. Echo Americano. Londres, 14 de março de 1872, n. 21, p. 383)

Portanto, bastava que o Império do Cruzeiro se empenhasse no desenvolvimento de seu projeto civilizador, ampliando suas capacidades produtivas, artísticas, políticas e sociais. Com esse empenho chegaria a condição de uma nação forte e moderna.

---

<sup>13</sup>Joseph Marlord Willian Turner nasceu em 23 de abril de 1775, em Maiden Lane, Convent Garden, Londres, Inglaterra, onde seu pai havia se estabelecido como barbeiro. Em 1789 foi admitido na Royal Academy Schools, onde estudou com Thomas Malton. Desenhava temas clássicos e estudos de paisagens. Em 1791 fez sua primeira exibição e em 1819 foi para a Itália. Mais tarde em 1840, sua segunda visita à Itália, quando passou a desenvolver um estilo de pintar que possuía características semelhantes ao estilo impressionista. Nos últimos anos de vida produziu memoráveis efeitos de atmosfera e luz nas obras “The Fighting terneráire” 1838, “Snowstorm” 1842, e “Rain, Steam and Epeed” 1844. Morreu em 1851, em Chelsea. (<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-4159/biografia-de-joseph-mallord-william-turner>)



III  
O GRANDE FILHO DA TERRA

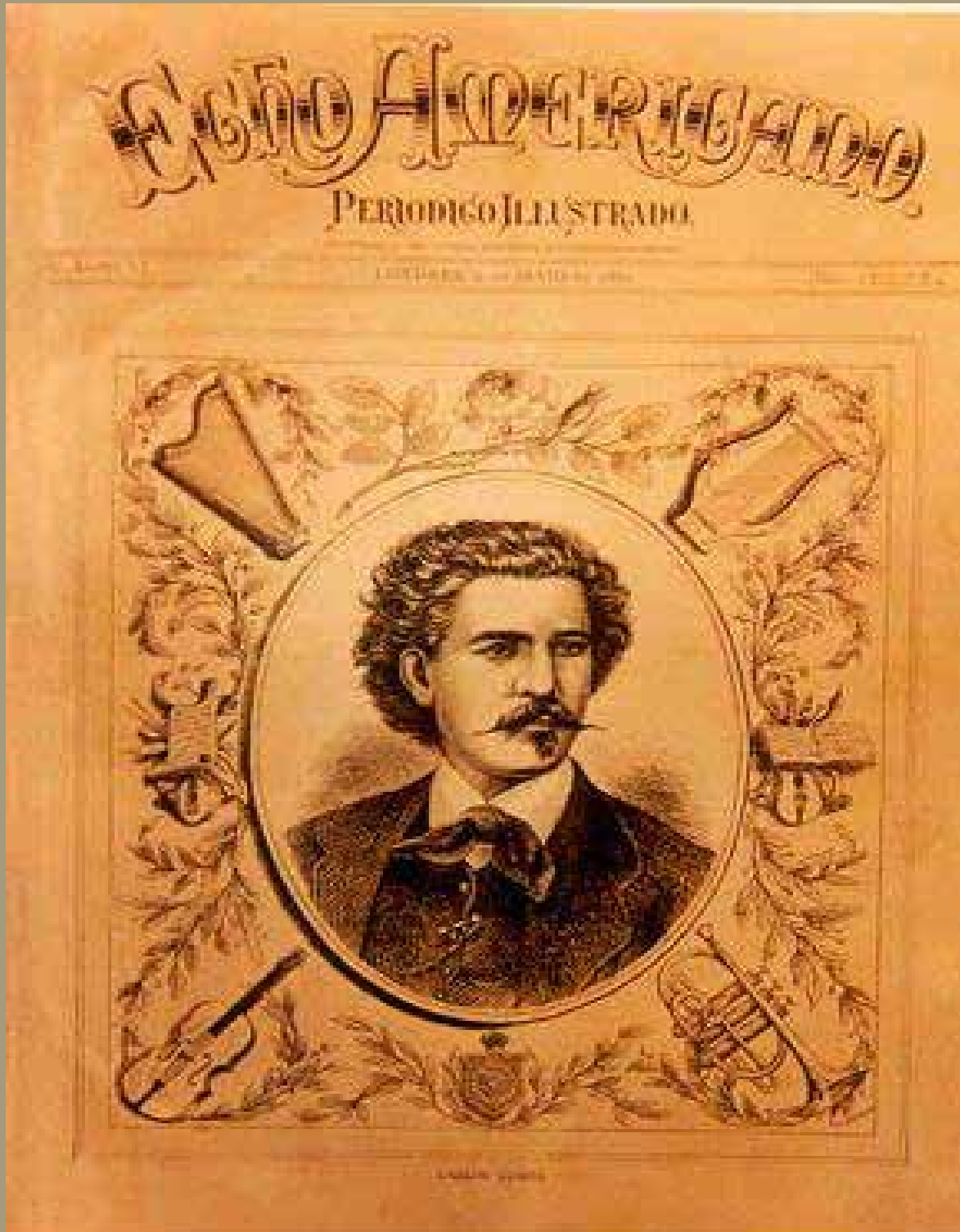


Figura 4: Capa que homenageia Carlos Gomes, Echo Americano, Londres, 9 de maio de 1871, n.º 1.

O Brasil era representado internacionalmente por seus grandes heróis e personalidades sociais, que se caracterizavam como os dignos filhos da terra que construíam a civilidade do país. E uma forma de homenagear os ícones nacionais era através de artigos ou das capas de jornal. Assim observamos que as capas do *Echo Americano* são sempre celebrativas e visavam valorizar as personalidades de destaque na política, na economia, na sociedade e na cultura do país.

A capa que ilustra o primeiro número do *Echo Americano* trazia a figura de Carlos Gomes<sup>14</sup>, rodeado por instrumentos musicais, como se fosse um deus da música, um Orfeu brasileiro (figura 4). No interior do jornal encontra-se um artigo sobre a história de vida e carreira do compositor, no qual relata-se sobre a qualidade da música brasileira argumentando que os *lundus*, as *modinhas* eram cultivadas e valorizadas, pois eram manifestações da alma popular.

Os *lundus* cuja base musical era africana, nasceram da cultura popular, mas logo foram incorporados pela elite local, para serem dançados nos salões de baile da corte carioca. A *modinha* teve sentido inverso, saiu dos *saraus* para ser incorporada pelo povo.

O artigo, ressalta que faltava para a cultura brasileira uma forma de representação musical mais elitizada, que fosse fruto do verdadeiro talento artístico nacional e destaca que essa lacuna foi preenchida pela ópera *O Guarany*, de Carlos Gomes.

Entre nós este gênero de composição tem sido igualmente cultivado com muito esmero, e são singularmente gostados pelo povo os *lundus*, *modinhas* e muitas outras variedades de musicais e de canto, a que se presta o idioma e a imaginação vivaz dos filhos das raças meridionais. Mas faltava as grandes manifestações de talento artístico, uma obra que servisse de padrão á fecundidade criadora da nacionalidade americana. Todos estes fragmentos destacados, estes arroubos isolados, estas inspirações parciais, ressentiam-se da falta de unidade que só os grandes engenhos podem imprimir às obras completas e perduráveis. Foi este o papel invejável que coube a Carlos Gomes, trazendo-nos da Itália, do soberano Capitólio das Artes, a sua ópera "O Guarany", consagrada pelos ferventes aplausos de uma assembleia de artistas (Carlos Gomes. In. *Echo Americano*. Londres, 9 de maio de 1871, nº. 1, p. 6).

O artigo apresenta a biografia do maestro para que os leitores possam se deleitar com suas conquistas e ao mesmo tempo ter como exemplo de homem este filho da terra, que mesmo sendo de origem humilde soube aprimorar seus dotes e destacar-se como grande artista aclamado na Itália.

Campinas, rico município da Província de São Paulo, no Brasil, é o berço natal de Antônio Carlos Gomes; a data de seu nascimento é 14 de junho de 1839. Sem nos demormos em estudar o seu desenvolvimento e vocações infantis, encontramos-lo em 1859 no Rio de Janeiro, onde nesse mesmo ano entrou para o Conservatório dando sempre inequívocas provas de seu talento musical, a ponto de merecer de continuo os primeiros prêmios na exibição de seus estudos. Além de algumas outras composições de mérito, que já havia representado, a cantata: "Ultima hora no calvário", cantada na Igreja de Santa Cruz dos Militares, teve tão grande aceitação que lhe foi conferida pelo Conservatório a honrosa recompensa de uma medalha de ouro. Em 1860 foi convidado para ensaiador e diretor da orquestra de uma companhia lírica nacional, fundada no Rio de Janeiro pelo Sr. José Amat. Tendo aceitado este encargo, escreveu e levou á cena em 1861, no teatro lírico, a sua opera, "A Noite do Castelo", cujo sucesso foi estrondoso, cabendo-lhe por esta ocasião ser agraciado pela munificência de S. M. o Imperador com o hábito da Rosa. Em 1863 escreveu Carlos Gomes a opera: "Joana de Flandres" cujo libreto é devida a hábil pena de Salvador de Mendonça, cujo desempenho também no Teatro Lírico por uma companhia mista, mereceu unânimes aplausos. Escolhido para pensionista do Estado, no conservatório de Milão, partiu em 1864 para o seu destino, e aí se dedicou com fervor ao estudo do contraponto e harmonia sob a direção do notável maestro Louro Rossi. Foi-lhe conferida a carta de maestro "compositor", em 6 de junho de 1866. A sua primeira composição musical na Itália foi "Se Seminga", revista em 1866, levada á cena em 30 de dezembro desse ano, no Teatro Fossati, de Milão, e depois repetida em quase toda a Itália. Em 1868 deu, no Teatro Ercano, a sua revista "Nella Luna", a qual teve idêntico sucesso, sendo também repetida em Bolonha e do mesmo modo aplaudida. Nas horas vagas de elucubrações de mais vulto, dedicou-se Carlos Gomes a compor produções de menos fôlego, mas que no entanto se tornam recomendáveis por seu merecimento e genialidade. Tal tem sido a brilhante carreira do jovem maestro, gloriosa estreia que deve ser um incentivo ao futuro honroso deste obscuro filho do povo, que soube elevar-se, pelo seu talento e trabalho, as mais puras e deslumbrantes regiões da arte, conquistando para si e para a sua pátria louros mais perduráveis e viventes que os troféus dos guerreiros ou as palmas dos conquistadores. Carlos Gomes soube mais do que ninguém que o "talento" obriga. Quando um dia recebeu o título nobiliário no grêmio das realzas da inteligência, o qual tem por antepassado todos os luminares da terra, e preciso não ceder nem desmentir a nobreza da procedência. Ele o fará, segundo nos informa está compondo uma nova opera, que lhe foi encomendada pelo editor Francesco Lucca, intitulada: "Os Mosqueteiros do Rei", e que deve ser cantada em um dos grandes teatros da Itália. O rei da Itália condecorou o nosso compatriota com o habito da Cruz da Itália (Carlos Gomes. In. Echo Americano. Londres, 9 de maio de 1871, n.º. 1, p. 6.).

A valorização Carlos Gomes e de sua obra é resultante do gosto pela ópera e pelos espetáculos herdados de Portugal. Conforme destaca Olga Silva (2011) existia uma política de espetáculos plenamente instituída no Brasil, que foi iniciada por D. João VI e teve seu auge com D. Pedro II, pois a ópera era o local onde o imperador mostrava-se para seu público valorizando seus dotes de grande estadista:

Ali, celebrava-se seu aniversário, o aniversário da imperatriz, e todas as efemérides importantes da terra. Todo ano, o imperador encomendava cantatas celebrativas, nas quais se representavam alegoricamente as virtudes da política imperial. Retratos do imperador e de homens "notáveis" eram descortinados em cena (MAMMI, 2001 apud SILVA, 2011, p. 29).



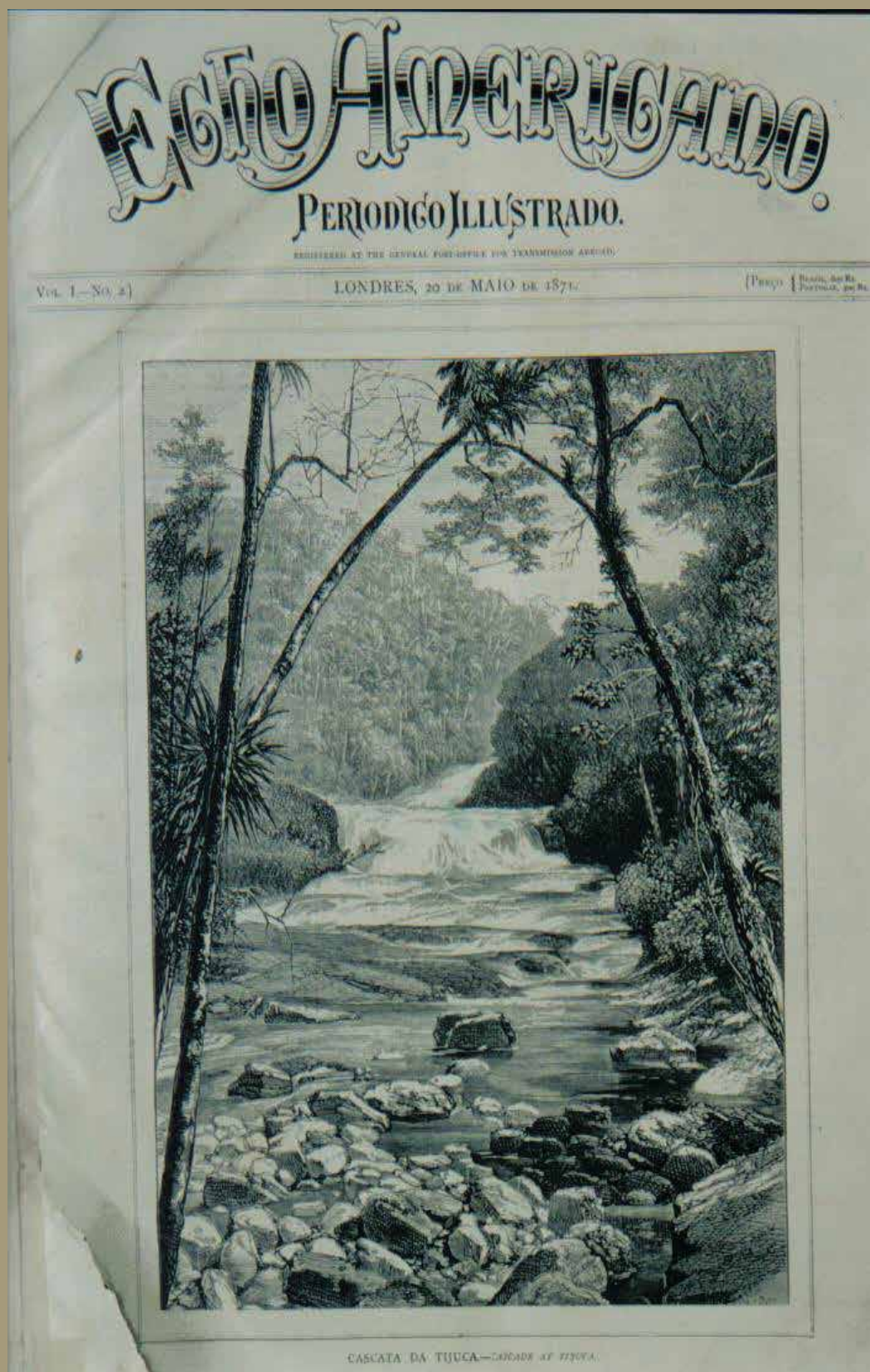
Nesse contexto emerge no panorama nacional Antônio Carlos Gomes, com a ópera *A Noite do Castelo*, apresentada no Teatro Lyrico Fluminense (RJ) em 4 de setembro de 1961, sendo enaltecido pela mídia e crítica da época como o “gênio musical do século XIX”, uma vez que “Não havia nenhuma dúvida, para seus compatriotas, de que o jovem compositor era um gênio elevado acima dos simples mortais, com todas as cores românticas que o termo havia adquirido”. (SILVA, 2011, p. 50) Posteriormente, em 1863, estreia a ópera *Joana de Flandres*, que não teve a mesma aceitação de público devido aos problemas econômicos do período. Porém, o resultado final foi favorável, pois com o apoio do imperador Carlos Gomes foi aperfeiçoar seus estudos na Itália.

Esses estudos propiciaram a criação de sua maior obra, *O Guarany*, ópera em 4 atos, na qual mostrou os valores e símbolos primitivos do Brasil numa releitura épica que encantou o público europeu e alcançou a consagração nos palcos italianos:

A 19 de março de 1870, no teatro de La Scala, em Milão, recebeu Carlos Gomes a esplendida consagração de seu talento musical, sendo chamado à cena vinte e duas vezes na primeira noite em que ali se cantou a sua grande opera em 4 atos - “O Guarany”. O entusiasmo do público Milanês foi tão grande, aplaudindo a obra do jovem maestro, que, dizem os jornais italianos, unânimes em tecer-lhe os maiores elogios, se tornou um delírio. A inspiração ardente e original de um filho das recondidas florestas do novo mundo, revelando-se a um público ávido de sensações e dos deslumbramentos de uma arte bebida nas fontes de uma ciência desconhecida, devia produzir sem dúvida assombroso efeito, e dar a um tempo ideia opulenta do artista, e da maravilhosa natureza que lhe serviu de iniciadora. Os complexos das belezas que avultam na composição do “Guarani” merecem especial menção da imprensa e mais calorosos aplausos do publico, as árias de soprano e do tenor, a balata, os duetos, a “preghiera”, a pequena “romanza” e a invocação do baixo, trechos que foram sempre acolhidos com o mesmo espontâneo e vigoroso entusiasmo das plateias (Carlos Gomes. In. *Echo Americano*. Londres, 9 de maio de 1871, nº. 1, p. 6).

Conforme os jornalistas do *Echo Americano*, o sucesso dessa obra de Carlos Gomes foi resultado da qualidade técnica da partitura, por retratar um tema exótico aos olhos dos europeus e por mostrar a exuberante e dadivosa natureza brasileira.

IV  
A MUSA NATUREZA E O INDÍGENA



**Figura 5:** Cascata da Floresta da Tijuca, Echo Americano, n.º 2, Londres, 20 de maio de 1871.

Nas páginas do *Echo Americano* a natureza é transformada na grande musa inspiradora dos artistas, pela magnitude de suas riquezas naturais e ilimitável potencial artístico. Ela é o maior patrimônio nacional do Império Brasileiro. Assim a natureza exuberante e dadivosa do Brasil adorna a capa do número dois, que retrata a cascata da Floresta da Tijuca. A natureza passa a ser um símbolo que mostra o Império do Cruzeiro como um país soberano de riquezas naturais inesgotáveis (figura 5).

Seguindo esse raciocínio, uma capa que se destaca das demais por ser a única no gênero é a que mostra os índios coroás ou kaingang como hoje são conhecidos (figura 6). Os coroás pertenciam ao grupo indígena dos Jês, assim como os botocudos, guaianás, pinarés, ileijaras, caagua e gualachos. Viviam na região do planalto meridional brasileiro vivendo da caça, coleta e agricultura rudimentar. Eram organizados em dois clãs exogâmicos: o da lua, formado por guerreiros, e o do sol, por caçadores. Construía suas casas no alto dos morros e no meio de pinheiros para se proteger dos botocudos e dos homens brancos que os aprisionavam (FLORES, 1993, p. 10-12).

Na capa do jornal os índios são retratados com roupas impostas pela cultura do homem branco. Andar nu segundo a visão do civilizador era um ato de selvageria. Portanto era natural que o jornal valorize o aldeamento e a aculturação dos indígenas, pois essa proposta visava uma melhoria de vida para estes povos não civilizados.

Em outra imagem do jornal os índios são representados sob a ótica do europeu, ou seja, a partir de uma visão idealizada (figura 7).

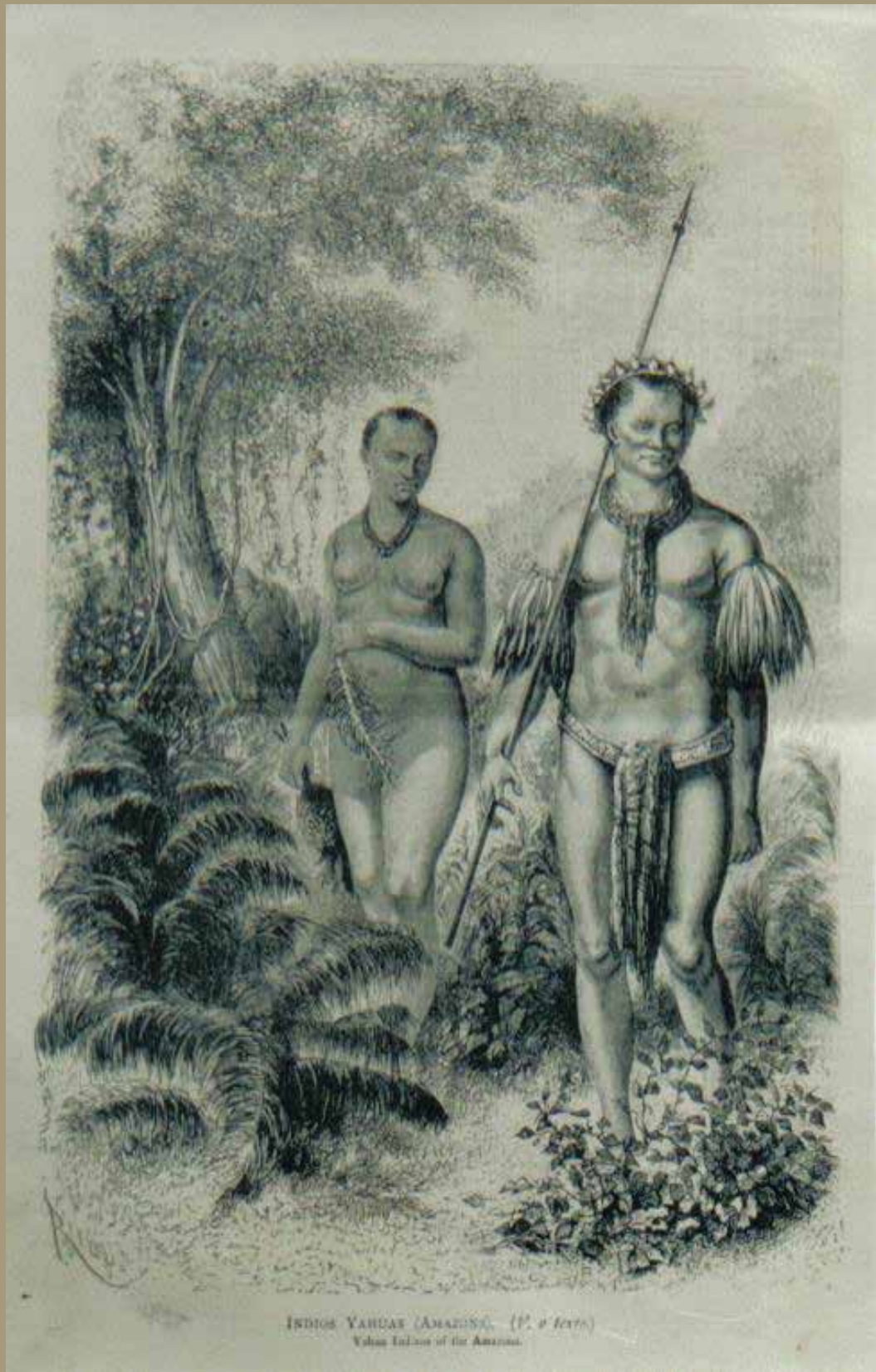
Existe desde essa época um abismo entre a imagem do índio idealizado pela literatura e artes e a do índio real. O símbolo índio das artes e da literatura foi construída a partir de atributos e qualidades que o tornavam um guerreiro aos moldes dos cavaleiros medievais, sendo valorizados pela lealdade, valentia, nobreza de caráter e pureza. Tais características são encontradas tanto na construção da figura de Peri, protagonista do romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar, como na a ópera de Carlos Gomes como em todas as representações lúdicas sobre os índios.

Em contrapartida o índio real era tachado de preguiçoso, ladrão, sem caráter, um selvagem que deveria ser reduzido e educado aos moldes da cultura do branco civilizado.



Figura 6: Índios Coroás ou Kayguank. Echo Americano, n.º 3, Londres 9 de Junho de 1871.





INDIOS YAHUAS (AMAZONA). (P. 8 1871.)  
Yahua Indians of the Amazon.

Figura 7: Yahuas, Amazonas. Echo Americano, Londres, 2 de dezembro de 1871, n. 15, p. 265.

## V

# A IMAGEM DO IMPERADOR

Um personagem que frequentemente foi retratado na capa do *Echo Americano* é o Imperador D. Pedro II. Tais representações serviam como propaganda política para criar uma imagem positiva do governante junto ao seu povo.

A figura do imperador D. Pedro II era bastante questionada por seus súditos, já em sua juventude era motivo de críticas, quando em 1849 surgiu a idéia de compará-lo com Jorge III da Inglaterra, e assim dirigir uma polêmica contra o poder pessoal do rei. Em 1859, passou a ser alvo da imprensa satírica, o primeiro periódico a satirizá-lo foi o *Charivari Nacional*, sendo seguido por outros (HOLANDA, 1985: 60).

Os constantes desentendimentos entre os partidos Liberal e Conservador e a acusação do poder pessoal do Imperador culminam com a queda do gabinete em 1868, em plena guerra do Paraguai. Todos esses sintomas mostravam que o país estava diante de inúmeras contestações, sendo que a de maior impacto foi em 1870 com a criação do Partido Republicano que defendia o fim da Monarquia. O partido era formado por liberais e republicanos tradicionais.

Diante deste quadro era natural que os articulistas do *Echo Americano* tentassem difundir para o povo que na Europa a imagem de D. Pedro II era ligada ao progresso, à justiça e a modernidade.

É voz corrente que o S. M. Imperador do Brasil que, eloquente frase do Snr. Visconde do Rio Branco, é "objeto de nossa veneração e a primeira esperança do Brasil", chega em julho a esta Capital. O Snr. D. Pedro II, Rei infatigável e o primeiro sempre a cumprir deveres; que acha prazer no caos tumultuoso das mais espinhosas lidas, que no agudo princípio da gloria socorrer ao desvalido, perdoa ao inocente, distribui justiça, e, sendo um Rei possuidor em grau eminente de todas as qualidades que se reservem no ideal de um grande soberano, sabe como se equilibra a justiça com a clemência, os direitos do trono com o povo, o respeito á soberania com a dignidade pessoal dos súditos, e os deveres da realeza com os da religião, há de, por sem dúvida, tu nesta ilustrada Metrópole uma recepção digna de seu alto nome, tão respeitado aqui. E a imprensa inglesa, a quem cordialmente agradecemos, como Brasileiros, as expressões benévolas de que se tem servido a respeito do nosso Augusto Soberano, tem-se pronunciado categoricamente neste sentido. E nós por duplo dever, a acompanhamos, cheios de prazer (O Snr. Imperador. In. *Echo Americano*, n.º 1, 9 de maio de 1871, p. 1).

O Imperador era representado como um grande estadista, que tinha todas as respostas e decisões certas para solucionar os conflitos internos e externos em que o Brasil estivesse envolvido. Essa imagem era difundida para que o Império brasileiro fosse bem visto pelos europeus e pelos próprios brasileiros.

Conforme destaca Ana Eurydice Ribeiro, essa ideia estava ligada ao antigo sonho português de tornar-se grandioso frente às monarquias europeias. Herdamos o sonho de grandeza quando D. Pedro I tornou o Brasil independente de Portugal e construiu o Império Brasileiro. Essa ideia foi fortalecida pela extensão territorial e pelas doutrinas políticas vigentes na época (RIBEIRO, 1995, p.45).

Ainda segundo a autora, D. Pedro I entrou para o imaginário brasileiro como libertador do Brasil do jugo português e fundador da nação e do Império brasileiro. Já D. Pedro II teria encarnado a figura do próprio Estado. O imperador menino era o "anjo salvador" conciliador dos espíritos, essa imagem foi logo substituída pela do homem barbudo ostentando as insígnias do Estado, marcado pela altivez e virilidade, essa representação aparece na maioria dos seus "retratos" (1857, 1859, 1861 e 1871), em apenas um o imperador aparece ostentando uma farda (RIBEIRO, 1995, p.102-103). A imagem da barba deu ares de sabedoria e equilíbrio ao imperador. A partir de 1870 a barba passou a ser branca, associando a imagem de patriarca. O imperador era o símbolo vivo do Estado (SCHWARCZ, 2008).

O Imperador foi representado em várias capas do jornal, sempre como um homem ilustrado ou como um grande estadista. Uma capa vale ser destacada é a que trás a única imagem de D. Pedro II, usando farda (figura 8), representado o primeiro voluntário da pátria, fragmento do quadro de 1871 pintado por Pedro Américo.





**Figura 8:** O Imperador D. Pedro II, em trajes militares, primeiro voluntário da pátria. Echo Americano, n.º 15, Londres, 2 de dezembro de 1871.



## VI

# OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO: INDÚSTRIAS E EDUCAÇÃO PÚBLICA

No Brasil, durante um longo período, dominava a mentalidade de que existia uma divisão setorial do trabalho nos países, ou seja, algumas nações eram predestinadas a desenvolver a indústria e outras a agricultura. Como no Brasil a economia era baseada na agricultura, era forte a ideia de que, no mercado mundial, sua posição era de exportador de matérias primas.

Os cafeicultores, donos de grande parte do capital financeiro do país, não tinham interesse em desenvolver o setor industrial, preferiam reinvestir na agricultura. Faltava, segundo Francisco Iglesias (1995, p. 186), uma mentalidade associativa e empresarial, pois grande parte dos homens públicos estavam ligados às questões da terra.

Iglesias destaca ainda os pontos que favoreceram a morosa industrialização brasileira e os que a dificultaram. Ajudaram a indústria: a segurança institucional do país; a política tarifária protecionista, o perfil empreendedor do Barão de Mauá, o fim do tráfico de escravos, e o esboço de um ideal nacionalista. Os que prejudicaram: a ordem agrária; a defesa da importação, o liberalismo econômico, pequena dimensão do mercado, falta de renda e numerário de pequeno vulto e dependência da economia externa (IGLÉSIAS, 1995, p. 186).

A industrialização era um dos vetores que deveriam conduzir o Brasil ao progresso e a civilização. Os articulistas do *Echo Americano* apontavam os motivos pelos quais o Brasil não era um país industrial. Argumentavam que não existia investimento por parte do governo no setor industrial. Como também fazia uma grande falta a mão-de-obra livre e especializada, resultando numa supervalorização dos poucos trabalhadores assalariados. Outro ponto destacado era o problema da falta de uma produção técnica e um conhecimento industrial que resulta-se num melhor acabamento do produto final e assim, só assim os produtos manufaturados brasileiros teriam respaldo no mercado internacional.

Nos países onde a atividade individual precisa para desenvolver-se do patrocínio governamental é constantemente absorvida pela entidade Estado, o desenvolvimento das indústrias é constantemente paralisado pela concorrência do funcionalismo e pelas formulas e ações lentas e tardias da administração. Mais do que em outros países, as indústrias brasileiras lutam com troços que são inerentes as suas instituições sociais, a falta de operários livres, produz naturalmente o aumento dos salários, que acusam a um tempo a escassez dos braços e a falta de organização do trabalho.

A complexidade de todas estas causas é a falta de conhecimento teórico e científicos da parte dos produtores, dão a nossa indústria um caráter rotineiro, que faz com que os seus produtos, ainda que manufaturados sobre matérias primas de primeira ordem não possam obter no mercado as vantagens que encontram os artefatos das indústrias estrangeiras, mais perfeitos e menos dispendiosos. (Estabelecimentos Industriais no Brasil. In. Echo Americano. Londres, 9 de maio de 1871, nº. 1, p. 2.)

Apesar das críticas o artigo aposta no desenvolvimento futuro, pois existe uma indústria de produção de móveis e calçados em estágio emergente graças a matéria prima abundante. Porém desenvolver o projeto industrial, faltava maiores investimentos e trabalhadores qualificados.

No entanto o Brasil deveria ser um país industrial por excelência. Abunda por toda a parte a matéria prima, que constitui um dos três requisitos fundamentais da produção; mas a falta de capitais e de braços, agravados pelo esmorecimento da atividade individual, deixam em abandono tantos elementos de riqueza, que por si sós seriam bastantes para tornar prosperas as finanças de qualquer nação do mundo, achando o segredo de fixar os capitais e restabelecer o crédito. Sabemos que se a nossa indústria não passou ainda do período inicial, este noviciado é sem dúvida é a principal causa do nosso atraso que entorpece a marcha de nosso progresso; isto é, a falta de instrução pública, e de conhecimentos especiais das classes operárias. Ao passo que as luzes e o ânimo profissional se forem derramando com mais regularidade por todas as zonas sociais e alargando o horizonte intelectual do povo, ir-se-á pouco a pouco adiantando terreno e obtendo conquistas que poderão rivalizar com as mais notáveis de outros centros de civilização.(...) Fazem-se já hoje no Brasil obras de marcenaria que não tem nada a invejar ao que de mais perfeito nos vem da Europa neste gênero, e cremos que será esta uma das indústrias que mais terá de prosperar entre nós, se atendermos às necessidades resultantes do crescente aumento de população, e a riqueza e abundancia das madeiras produzidas pelas nossas florestas. Esta indústria tem um grande futuro, pois mesmo lutando contra o obstáculo da alta dos salários, já muitos dos seus produtos se oferecem ao mercado com tanta modicidade no preço, que vai desanimando os importadores dos produtos análogos que vinham de fora, e até ao presente eram exclusivamente por nós consumidos. Também as fabricas de calçados nacional tem nestes últimos anos tido grande desenvolvimento, e acabam seus produtos com tanta perfeição, que disputam a preferência ao estrangeiro, se não ainda na solidez e elegância ao menos no preço.(...) As causas que retardam tanto o nosso desenvolvimento industrial como se vê, não são aquelas que lhe opõem um obstáculo permanente: antes porem serão removidas com o tempo e dependem, como quase todas as nossas questões de organização social, da solução de problemas, que se agitam no país, exigem imperiosamente serem atendidos e realizados na pratica. Desde que não faltam ao país, tanto a atividade que transforma objetos de consumo os produtos imediatos da natureza, como estes mesmos produtos em maior abundancia e mais opulentos que em qualquer outra parte do mundo, é intuitivo que o nosso desenvolvimento só depende da remoção de causas que são de origem transitórias. Será, pois um de nossos maiores empenhos animar os produtores nacionais, aconselhando-os com os resultados da experiência e da observação, e estimulando-os com os exemplos dos estranhos, meios eficazes de comparação, e de exame e por consequência de aperfeiçoamento. O terreno onde hoje se estabelece a luta das duas raças predominantes na marcha da civilização moderna dá, sem dúvida, primazia aos descendentes de origem teutônica, pela sua atividade e instrução. Já que não lhes ficamos em dever em atividade, procuremos também igualá-los em instrução. Tendo conseguido este resultado, o Brasil tem em si elementos para competir tanto na indústria, como em literatura, ciências e nas artes com as nações mais adiantadas de ambos os continentes. (Estabelecimentos Industriais no Brasil. In. Echo Americano. Londres, 9 de maio de 1871, nº. 1, p. 2.)

O estímulo ao desenvolvimento do setor industrial foi uma das grandes metas do jornal, que para tanto mostra a ilustração de uma fábrica inglesa, no horário de saída dos operários. Cabe salientar sua imponente relação com a paisagem (figura 9).



**Figura 9:** Fábrica Inglesa. *Echo Americano*, 24 de agosto de 1871, p. 24.

A fábrica é o símbolo do progresso, da produtividade e da tecnologia, pressupostos básicos para que o país possa concretizar seu projeto civilizador. Dessa forma a mão de obra mais apropriada era a assalariada do imigrante.

No Brasil o processo de imigração iniciou em 1824, na Colônia de S. Leopoldo, Rio Grande do Sul e, o decorrer do tempo, foi gradativamente modificado pela política brasileira:

1) De 1824-30 o governo imperial promoveu a imigração com objetivo de conseguir soldados mercenários que apoiassem a política absolutista de D. Pedro I e também para colonizar as terras devolutas do sul. 2) De 1830-48 houve supressão da colonização porque ainda era viável o trabalho com mão de obra escrava nos cafezais e, de 1835-45, a província do Rio Grande do Sul estava convulsionada pela Revolução Farroupilha. 3) De 1848-89 o governo passou a incentivar a imigração para substituir a mão de obra escrava pelo trabalho assalariado e também para conseguir o branqueamento da população brasileira, conforme discursos de deputados da época (FLORES, 1996, p. 268).

Muitos imigrantes não vinham para o Brasil para trabalhar nas fazendas de café de São Paulo. No Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães e italianos recebiam pequenas propriedades agrícolas, tornando-se assim colonos, mas alemães e suíços abandonaram a terra e montaram seu próprio negócio nas cidades. Isso segundo o *Echo Americano* era extremamente prejudicial para o Brasil, como vemos no artigo abaixo:

As colônias de Santa Catharina e São Pedro do Rio Grande do Sul não tem por certo compensado as fadigas e os empenhos de seus instituidores. Se elas gozam de tal ou qual bem-estar no centro de sua povoação homogênea, todavia quiséramos que, depois de tantos anos, essa população houvesse aumentado consideravelmente pelo curso da imigração, que houvesse transbordado por todo o país, e que os produtos de tantos homens robustos e afeitos ás lidas da agricultura tivessem pesado na balança do comércio.

O mesmo acontece com todas as outras colônias. Nem se suponha que os alemães e os suíços, se sujeitem de bom grado a lavoura em nosso país. Tomando por exemplo a mesma província de São Paulo, observaremos que grande parte dos colonos daquelas procedências não chega às "fazendas" para onde eles vêm encaminhados. Apenas encontram meios de separar-se de seus companheiros, oferecem-se para hortelãos ou jardineiros; - daí a pouco estabelecem uma insignificante casa de negócios em que predominam as bebidas alcoólicas; - depois a força de economia e de indústria melhoram de fortuna e alguns se tornam proprietários. Esta é a história do colono alemão naquela província, se ele se pode esquivar do contrato que o prende a "fazenda". Tais colonos pouco ou nada produzem porque passam a ser consumidores. Os costumes nacionais em nada melhoram com a introdução dessa gente, contra a qual não nos declaramos, todavia; mas a verdade é que invés de inocular a atividade e a inteligência no trabalho se amoldaram com facilidade a indolência de nossos campônios. Preferindo a colonização europeia a qualquer outra depois de tão custosa experiência esquecemo-nos das necessidades mais urgentes do Brasil (Imigração e Colonização. In. *Echo Americano*, Londres, 24 de julho de 1871, n. 6, p.83.).



Os articulistas afirmam que os imigrantes são necessários, pois assim acabaria com a mancha da escravidão, tão penosa à nossa superioridade. Comentam ainda dos problemas causados pela vinda dos imigrantes alemães e suíços para o Brasil, que no menor descuido das autoridades montava pequenas lojas, que com o passar do tempo cresciam e se multiplicavam e se tronavam proprietários de terras. Eram, segundo o jornal, seres indolentes que nada traziam de vantagem a atividade do trabalho e a nossa cultura. Na visão do *Echo Americano* o imigrante alemão não servia para o Brasil.

O artigo expressa ainda a pretensão dos articulistas do jornal de estimular a imigração de norte-americanos, para que fugissem da guerra civil e aqui desenvolvessem suas habilidades técnicas e agrícolas. Enfatizam que deveriam vir os americanos do Sul, pois eles eram aptos à agricultura e isso traria inúmeras vantagens para o desenvolvimento desse setor produtivo.

A prosperidade crescente dos Estados Unidos impressionou sempre aos homens que pensam nos destinos das Nações e lamentam o atraso do Brasil. O extraordinário desenvolvimento de todas as potências naturais, e a irrupção contínua das elaborações industriais, avassalando o respeito de todo o mundo, não podiam transpor o Império de Santa Cruz sem abalar as consciências e determinar um movimento de admiração. Ao contrário do que se passa entre nós a União americana jamais se preocupou com o receio de ser absorvida a sua raça pelas ondas da imigração estrangeira, não obstante aportarem às suas praias estrangeiros às centenas de milhares anualmente. Sem sermos exclusivistas, pois, não dissimularemos, contudo, os nossos desejos de animar a imigração americana, porque estamos convictos do proveito que resultará dela ao país e da necessidade urgente de elevá-lo á conveniente altura na escala das Nações. Onde estaríamos nós se fossemos dotados daquela vivacidade onipotente, daquela perseverança inaudita que colocaram os Estados da União no primeiro plano dos povos adiantados tanto nas ciências e artes como na indústria e no comércio? Este complexo de circunstâncias e considerações atraia, repetimos, as vistas de alguns brasileiros inteligentes que, entretanto, cederam o passo a preconceitos e receios imaginários de insinuar no Brasil o elemento americano. Os imigrantes daqueles climas nos trazem, quando não seja capital acumulado, pelo menos o gérmen de uma civilização apreciada pelo Universo inteiro; trazem a arte do trabalho e conhecimentos agrícolas que nos faltam. Ainda quando alguns sacrifícios, alguns favores especiais fossem necessários fazer para excitar a imigração dos Americanos Sulistas não deveríamos de apoiá-las com todas as nossas forças, porque tais sacrifícios e favores transformariam em puro benefício de nossa cara pátria (*Imigração e Colonização*. In. *Echo Americano*, Londres, 24 de julho de 1871, n. 6, p.83).

Mas também deveria investir na capacitação dos funcionários e, por conseguinte, de todos os cidadãos do Império.

Como vimos anteriormente a maior parte da população brasileira era composta por analfabetos. A instrução era privilégio de poucos, em um país no qual a maior parte da população era composta por analfabetos, inviabilizando a modernização. O atraso com a instrução pública no Brasil era a grande mancha negra que corrompia o ideal de grandeza do país.

Não tem sido apenas as lutas do século XIX, para difundir a instrução; e ainda hoje só naquelas nações onde o preconceito e a rotina menos predominam, é que encontramos uma atmosfera mais luminosa, e conseqüentemente apresentando melhores provas de seu adiantamento moral e material. Entre nós, cumpre confessá-lo, este importante ramo da atividade humana se acha atrasadíssimo. As leis que possuímos sobre instrução secundária não estão em relação com a pobreza de medidas tendentes a espalhar os mais comezinhos e necessários conhecimentos pelas camadas menos favorecidas e mais numerosas da sociedade. Se Mr. Manner, assim como estudou o adiantamento da instrução pública primária na Europa, tivesse o mesmo trabalho na América do Sul, o Brasil passaria pelo desgosto de ver o perímetro de seu vastíssimo território indicado por uma única e vastíssima mancha negra. (...) Há entretanto boa vontade da parte dos legisladores, e nem todos repelem a ideia do ensino obrigatório, que conquanto determinado em regulamento, não foi ainda auxiliado de meios coercitivos para ser posto em prática. É preciso não perdermos de vista que na instrução popular se acha a solução de todas as questões e dificuldades sociais, quer sejam políticas, quer econômicas. A própria liberdade com toda a sua onipotência com dificuldade penetra quando encontra no pórtico de uma nacionalidade qualquer o espectro da ignorância. Para debelá-la convergiremos todos os esforços, porque sem o pão do espírito não pode haver fecunda e verdadeira civilização. (Instrução Pública.in. Echo American, n.5, Londres, 8 de julho de 1871, p.70)

A educação era o “pão do espírito”, e sem ela a nação não era civilizada. Portanto, existia uma campanha feita através do jornal para que os “homens das leis” investissem mais no ensino público, facilitando assim o acesso à educação para todas as camadas sociais. No Echo Americano imagens que remetem o observador a desenvolver o gosto pela educação formal e pelo prazer de ler (figuras 10 e 11).

Observa-se que as representações da educação são mulheres, embora o ofício de professor fosse de predominância dos homens. Contudo, a partir do ideário positivista de Auguste Comte, difundidas no início do século XIX, a mulher passou a ser considerada uma educadora por natureza. Assim poderia desempenhar a profissão de professora e orientar os alunos como se fossem seus próprios filhos. Com o passar do tempo muitas mulheres desistiram de ser rainha do lar e de constituir família para se dedicar unicamente ao magistério (ISMÉRIO, 1995, p. 32).

Cabe ainda salientar que apesar de existir a preocupação com a educação pública, permanecem os valores e a mentalidade elitista como sinônimo de educação.





Figura 10 e 11: A primeira Lição e "És Bela". Echo Americano, 24 de Agosto de 1971, p. 125 e 126.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise nos discursos visuais e textuais presentes no jornal *Echo Americano*, que circulou entre os anos de 1871 e 1872, concluímos que o veículo difundia um modelo de projeto civilizador para o Brasil Imperial. A meta era modernizar, educar e redefinir a corte Brasileira sob moldes da cultura europeia, dos ingleses deveríamos copiar o progresso industrial, comercial e científico e da França a cultura, as artes e o estilo cortesão.

O jornal foi criado para desenvolver novas técnicas ligadas ao comércio, indústria, ciências e arte. As artes eram o principal tema do *Echo Americano*, tanto que se considerava uma verdadeira escola de artes, pronta para dar aos brasileiros o que de melhor existia nas coleções europeias.

O *Echo Americano* reforçava a importância do sistema monárquico para o Brasil, procurando transmitir ao povo brasileiro e à Europa uma imagem favorável do imperador. Essa postura servia como propaganda favorável do governo num período que se encontrava mergulhado numa profunda crise interna.

Apesar dos atrasos o Brasil era visto como o Império do Futuro, uma visão ufanista justificada pela natureza brasileira, pelas riquezas naturais e gosto pelo belo. Denotava o mito da superioridade e predestinação do Brasil, desde que desenvolvesse seu projeto civilizador e alcançasse a modernidade. Os discursos visuais presentes no *Echo Americano* estavam repletos de imagens e mitos que influenciaram e reforçaram uma mentalidade que preconizavam o Brasil como o país do futuro, gigante pela própria natureza.

## REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 2, São Paulo: Ed. Schwartz, 1997.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos das artes plásticas no Brasil**. São Paulo: Martins, 1965.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHEVALIER, Alain & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 8ae. d., Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. *A História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, vol. I e II, 1995.
- FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.  
\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **História Geral da Civilização Brasileira. Do Império à República**. 4.<sup>a</sup> ed., São Paulo: DIFEL, vol. 5, 1985.
- IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil**. 1500-1964. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: A Moral e o Imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- JUNG, C.G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s. d.  
\_\_\_\_\_. **Símbolos da Transformação**. 7.<sup>a</sup> edição, Petrópolis, Vozes, 1990.
- NORONHA, Márcio Pizarro. **Um estudo do Corpo Humano Como Objeto Estético de Fronteira: O embrião- feto-bebê e suas formas figurativas**. Tese do Doutorado em Antropologia Social, São Paulo: USP, 1999.  
\_\_\_\_\_. **Pragmatismo e Ciências Sociais**. Porto Alegre: Edição do Autor, 2001.
- RIBEIRO, Ana Eurydice B. **Os Símbolos do Poder**. Cerimônias e Imagens do Estado Monárquico no Brasil. Brasília: UnB, 1995.

SCHWARCZ, Lilia. **As barbas do Imperador.** 2ª reimpressão, 10ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Olga Sofia Freitas Silva. **Il Guarany de Antônio Carlos Gomes: A História de uma Ópera Nacional.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: [https://www.meloteca.com/teses/olga-silva\\_il-guarany.pdf](https://www.meloteca.com/teses/olga-silva_il-guarany.pdf) Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

SODRÉ, Nelson W. Síntese da História da Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. Panorama do Segundo Império. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1998.

The book of Art. British and north American Art. vol. 6, New York: Grolier, 1967.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo, Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. Imagens e Imaginário na História. São Paulo, Ática, 1997.

# ECHO AMERICANO

## PERIÓDICO ILUSTRADO

Clarisse Ismério é historiadora, com mestrado (1995) e doutorado (1999) realizado na PUCRS. Professora e pesquisadora da URCAMP, onde atualmente coordena o Curso de História. Criadora do evento Cultural Sarau Noturno realizado no Cemitério da Santa Casa de Bagé desde o ano de 2008, que resultou no livro Sarau Noturno, publicado em 2016 pela Editora Chiado de Lisboa. Coordenadora do Projeto Patrimônio Digital: pesquisa, digitalização e criação jogos educativos e ambientes virtuais interativos e imersivos (2015) desenvolvido no Museu D. Diogo de Souza.

### Livros publicados:

- Mulher: a Moral e o Imaginário 1889-1930. 1a. ed., EDIPUCRS, 1995.
- Sarau Noturno: contando a história da cidade de Bagé/RS/Brasil sob o olhar da arte cemiterial. Chiado Editora, 2016.
- Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930). 2a. ed. ampliada, EDIURCAMP, 2018.
- Pequenos Detalhes de Bagé, EDIURCAMP, 2019
- Echo-Americano (1871-72): Educação, cultura e representações artística nas páginas de um jornal, EDIURCAMP, 2019

Profa. Dra. Clarisse Ismério  
<http://lattes.cnpq.br/4600253785089001>  
Coordenadora do Curso de História  
URCAMP - Bagé